

À espera de Ronaldinho

Se a temperatura da campanha eleitoral sobe tanto nesta época, imagine o que ocorrerá quando não se tiver mais Copa do Mundo para entreter. Não seria esta uma hora de troca de insultos e acusações, até para não gastar munição cedo demais. É da tradição da política esconder-se durante a Copa do Mundo, como se esconde na Semana Santa e no Dia de Finados. É uma santa reverência, não ao calendário, mas a um sentimento coletivo, um sentimento de paz, de reflexão ou de incontida vontade de ir à guerra. Tanto que a eleição para governador, de forma geral, anda calma nos estados - tirando, naturalmente, algumas exceções, como o trote idiota de Paulo Maluf, chamando a polícia para uma falsa tentativa de assalto, como se para testar a eficiência dos bombeiros e da emergência de hospitais devesse também disparar alarmes falsos de incêndios e acidentes.

Mas quem sabe faz a hora. Talvez não se desse importância a Maluf e a outros assuntos políticos, a esta altura da euforia de Leonardo e da depressão de Giovani na Seleção, se não fosse exatamente ousado, barulhento, agressivo, e agora também amplificado para dentro das fronteiras do Mercosul, o tom da disputa eleitoral.

O pretexto do momento é a privatização de Telebrás. Lula mudou radicalmente a pose que vinha fazendo de candidato amadurecido. Em minutos, deixou sem escada aqueles que tentam pintar-lhe cores mais amenas na imagem de um candidato com idéias fortes, diferentes para os seus simpatizantes, ou extravagantes e perigosas, para seus adversários. Lula levou para a campanha presidencial uma conversa de botequim. Acusou Fernando Henrique de fazer caixinha de campanha eleitoral com a venda da Telebrás. Brizola assinou embaixo. Candidataram-se a meia dúzia de ações judiciais e a ouvir mais do que esperavam, porque mexeram num ponto nunca antes alcançado por qualquer adversário de Fernando Henrique: a honradez pessoal do presidente.

Atingido por tabela, pois não se haveria de pensar em caixinha de corrupção sem que ele próprio, principal condutor da privatização da Telebrás, estivesse informado, o ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros, reagiu defendendo a sua equipe e acusando o PT de usar técnicas de propaganda nazista, como fazia Goebbels, "que dizia uma mentira e martelava até transformá-la em verdade".

Se já não fosse suficiente para deixar mais tensa uma disputa que começou a ficar nervosa quando Fernando Henrique caiu nas pesquisas eleitorais e Antônio Carlos Magalhães deu a senha de que a eleição de Lula significaria o caos, eis que o presidente da Argentina, Carlos Menem, entra no palanque sem ter sido chamado. Disse que a eleição de Lula representaria também o fim do Mercosul.

Jamais alguém daqui se meteu a dizer, por exemplo, que a derrota de Menem numa eleição desestabilizaria o Cone Sul. Também não se imagina que casos de corrupção na Argentina ou no Brasil deteriorem as relações entre os dois países. Tampouco se supõe que a diferença de nível cultural ou político ou ideológico entre presidentes altere o ambiente de relações saudáveis no Mercosul. Brasil e Argentina são diferentes, têm homens também diferentes, terão governos sempre diferentes, mas estão definitivamente amarrados um ao outro. Por isso, foi o próprio Itamarati que saiu em socorro de Lula, esclarecendo que o Mercosul é uma realidade irrevogável, pois conta com apoio pluripartidário no Congresso brasileiro.

É apenas o começo da campanha eleitoral. Que só consegue chamar atenção nesta hora porque Ronaldinho ainda não desencantou.